



Mulheres em Letras

Jornal do Grupo de Pesquisa Letras de Minas - Belo Horizonte (MG) - Ano 3 - Nº 7 - 2012

Editorial

É com sincera alegria que venho mais uma vez saudar uma nova edição do jornal *Mulheres em Letras*, que chega com muitas novidades e, ainda, com mais páginas. Aliás, aumentar o número de páginas era um antigo desejo nosso, que se manifestava sempre que precisávamos economizar nas palavras, reduzir imagens ou textos.

Além de novos poemas, contos, crônicas e dicas de livros, temos estudos sobre Ana Cristina Cesar e Maria Lysia Corrêa de Araújo, e uma interessante entrevista com a cubana Mirta Yáñez, autora de dezenas de obras publicadas em diferentes países. Temos, ainda, dois textos muito especiais assinados por Carola Saavedra e Elizete Lisboa, escritoras por quem temos a maior admiração.

E esta edição é estratégica: surge ao mesmo tempo fechando um ano de intenso trabalho e antecipando o próximo, pois 2013 se aproxima rapidamente. Em 2012, fizemos um evento que está devidamente registrado em CD-ROM, e publicamos dois livros contendo artigos sobre escritoras mineiras ou radicadas no Estado.



Capa da antologia
Escritoras de ontem e de hoje

Nosso site, após passar por uma significativa reformulação, está agora hospedado no portal da UFMG, motivo de alegria e também de mais responsabilidade para nós.

Para 2013, acalentamos vários projetos, dentre eles a realização do V Colóquio Mulheres em Letras, novas pesquisas e publicações. Com certeza mais teses e dissertações serão defendidas no próximo ano por integrantes do grupo, e outras já se preparam para surgir. É assim que o Grupo de Pesquisa Letras de Minas se fortalece e se torna cada vez mais produtivo, dando sua contribuição para divulgar mais e mais a literatura de autoria feminina.

Como fim de ano também é hora de agradecer, aproveitamos para manifestar nossa gratidão a todos que nos apoiaram ao longo desses seis anos, e desejar um excelente ano novo, com muitos projetos e muitas realizações.

Por Constância Lima Duarte, professora da Faculdade de Letras da UFMG e coordenadora do Grupo de Pesquisa Letras de Minas



O jornal *Mulheres em Letras* aumenta o número de páginas e comemora em 2012 três anos de circulação



Nos dias 18, 19 e 20 de abril de 2013 realizar-se-á na Faculdade de Letras da UFMG o V Colóquio *Mulheres em Letras*, que propõe uma reflexão sobre a produção ficcional e poética de autoria feminina, à luz de categorias críticas contemporâneas, como historiografia literária, cânone, gênero, etnicidade, entre outras. Como nos eventos anteriores, o Colóquio pretende também propiciar o intercâmbio entre pesquisadores e o contato dos participantes.

Índice

A escritora israelense, Morani Kornberg-Weiss, que atualmente mora em Buffalo (NY), escreve um poema, sem título, sobre o famoso poeta palestino, N. B. Mahmoud Darwish. A tradução é de Melissa Schindler e Adelaine LaGuardia.

Pág 2

Leia os contos "Aira" de Imaculada Nascimento e "Salto Mortal", de Maria Amélia Bracks Duarte.

Pág 3

O "eu" em Ana Cristina Cesar: entre vida e poesia é o título do artigo escrito pela mestrandia em Teoria da Literatura, Nathalia de Aguiar Ferreira Campos.

Pág 4

A mestre e professora do Cefet-MG, Cristiane Felipe Ribeiro de Araujo Côrtes, escreve sobre a memória da violência nas narrativas afro-brasileiras femininas.

Pág 6

A doutora em Literatura Brasileira, Kelen Benfenatti, conta um pouco sobre a vida da escritora mineira Maria Lysia Corrêa de Araújo.

Pág 7

Duas grandes escritoras, Carola Saavedra e Elizete Lisboa, marcam presenças com seus artigos neste número do *Mulheres em Letras*. A primeira fala sobre *O fantasma da literatura feminina* e a segunda sobre *O livro literário com duas escritas*.

Págs 8 e 9

A escritora cubana Mirta Yáñez é a entrevistada deste número do *Mulheres em Letras*. Ela conta um pouco da sua vida e de sua escrita sob o regime comunista. Na página ao lado, o leitor vai encontrar um pequeno trecho de um de seus contos.

Págs 10 e 11

Na seção de dicas, você poderá conferir as últimas novidades e lançamentos de livros e, ainda, o artigo de Henrique Marques Samyn sobre o livro *Habitar teu nome*, da escritora Marize Castro.

Pág 12

Poema de Morani Kornberg-Weiss

Mahmoud, we are bound in this eternity: the present moment unbound by time without limit negating its own borders and boundaries.

You and I walk within a cylinder circular and tall. We are contained in endless mirrors it's only our own miseries we see. I often imagine every Israeli and every Palestinian wearing a cylinder like invisible masks without eyeholes bumping into the same recollection of the past drowned in nostalgia.

Mahmoud, I want to shatter those masks rip them off: a simultaneous circumcision. What if we all climb to the mountain top and sacrifice our masks only this time the hand of God will remain still without intervention and we cut the skins of ourselves peeling layer after layer until we obliterate all recollection and have no memory of who did what where and how.

Mahmoud, imagine a mass circumcision of our bodies men women and children overflow into eternity the children of Canaan skeletal without sustaining their past but despite themselves allowing questions to evaporate in dry heat dissipating into another existence without adornment but the soul - The Soul! A sprouted river mighty in its hardships and forgotten mighty in its present moment without knowing why. Mahmoud, imagine the strength in such negation. Love M.

A escritora mudou-se de Tel Aviv, em Israel, para Buffalo (NY), nos Estados Unidos, com seu marido, um cachorro, dois gatos e uma coleção de corujas, para fazer o doutorado em Literaturas em Inglês na Universidade do Estado de Nova Iorque. Ela pesquisa sobre o conflito entre Israel e Palestina, poesia hebraica, literatura e teoria pós-colonial, poesia estadunidense depois da Segunda Guerra Mundial e tradição lírica. Seus poemas têm sido publicados em vários livros e revistas, como *Voices Israel, Re-Vision, Papilio, Genius Floored, The Last Stanza e Kadar Koli*. Atualmente, Morani está escrevendo dois livros de poesia, *Folding into Her Self e Dear Darwish*. O poema aqui publicado, traduzido por Melissa Schindler e Adelaine LaGuardia, é sobre o poeta N. B. Mahmoud Darwish, que ganhou muitos prêmios e ficou conhecido como o poeta nacional da Palestina. Faleceu em 2008.

Mahmoud, estamos ligados nesta eternidade: no momento atual desligados do tempo sem limite negando suas próprias bordas e fronteiras.

Você e eu caminhamos num cilindro circular e alto. Somos contidos em espelhos infinitos vemos apenas nossas próprias misérias. Muitas vezes imagino cada israelita e cada palestino usando um cilindro como máscaras invisíveis sem aberturas para os olhos esbarrando na mesma lembrança do passado afogado em nostalgia.

Mahmoud, eu quero quebrar essas máscaras arrancá-las: uma circuncisão simultânea. Que tal nós todos subirmos até o cume da montanha e sacrificarmos as nossas máscaras porém dessa vez a mão do Deus vai ficar quieta sem intervenção e nós vamos cortar as nossas peles despedaçá-las em camadas até que todas nossas memórias estejam apagadas e não mais lembremos de quem fez o que onde e a quem.

Mahmoud, imagine uma circuncisão em massa de nossos corpos homens mulheres e crianças transbordando na eternidade os filhos de Canaã esqueléticos sem sustentar seu passado mas mesmo assim deixando as perguntas evaporarem no calor seco dissipando-se num outro ser sem adorno exceto a alma - A Alma! Um rio brotado possante em sua dureza e esquecido possante em seu presente sem saber por que. Mahmoud, imagine o poder de tal negação. Com amor M.

FAZER AMOR COM A POESIA

Maria Teresa Horta

*Deito-me com as palavras
beijo a boca dos poemas
quando a razão desvaria*

*Manipulo a linguagem
tomo a nudez dos meus versos
faço amor com a poesia*

• • • • •

MAR

Yeda Prates Bernis

*O que intriga, no mar,
É esta pele de arrepios
Por emoções desconhecidas.*

*O que encanta, no mar,
É sua cor verde, azul e cinza,
Conluio com sol e lar.*

*O que espanta, no mar,
É ter sua maternidade
Inaugural, primeva.*

*O que desorienta, no mar,
É sua insaciável fome
De navios e homens.*

• • • • •

MEU REFÉM

Mary Borges

*Nada sou sem você
Sem você não sou ninguém*

*Plantei você no meu pensamento
Fiz de você um refém*

*Fiz de você meu prisioneiro
Você é meu melhor amigo e
conselheiro*

*A mim não importa se você é duro
como a porta
Ou macio como a torta*

*É você meu travesseiro
meu eterno companheiro*

Mary Borges, nascida em Muriaé, tem 80 anos e é filha de um português mestiço, Levy Pereira Coelho, e uma italiana, Irma Ferrari. Seus poemas, só agora descobertos, são simples, emocionantes e surpreendentes.

EXPEDIENTE

Jornal Mulheres em Letras: publicação do Grupo de Pesquisa Letras de Minas, com cadastro no diretório de grupos do CNPq e da FALE/UFMG.

Coordenadora: Constância Lima Duarte. **Editora responsável:** Maria de Fátima Moreira Peres Reg.: MG 03731JP. **Conselho Editorial:** Claudia Maia, Constância Lima Duarte, Maria de Fátima Moreira Peres, Iara Christina Silva Barroca, Kelen Benfenatti Paiva, Maria Inês Marreco, Maria Lúcia Barbosa, Maria do Rosário A. Pereira. **Colaboradores:** Ana Caroline Barreto, Aline Arruda, Cláudia Gomes Dias Costa Pereira, Claudia Maia, Constância Lima Duarte, Cristiane Côrtes, Elisângela Lopes, Maria de Fátima Moreira Peres, Helga Maria Lima da Costa, Iara Christina Silva Barroca, Imaculada Nascimento, Isabella Fernandes Pessoa, Kelen Benfenatti Paiva, Laile Ribeiro de Abreu, Luana Diana dos Santos, Marcelo Pereira Machado, Maria Inês Marreco, Maria Lúcia Barbosa, Maria do Rosário A. Pereira, Maria do Socorro Vieira Coelho, Vera Godoi.

Revisão: Maria do Rosário A. Pereira, Claudia Maia.

e-mail: mulheres@letras.ufmg.br

site: www.mulheres.letras.ufmg.br

Impressão: Gráfica Silveira

AIRA

Imaculada Nascimento
Professora de Literatura

Passos. Leves, sorrateiros, ao som de folhas secas que começam a despilar os pequizeiros. Escuta atenta. Quem? O quê? Ouvidos aguçados, olhos castanhos entreabertos e atentos, pulsação acelerada. À sua volta, tudo o mais está quieto. É noite alta. Deitada na varanda, Aira curte a brisa gostosa, suave, fresca que vem balançar as folhas das palmeiras, dos pequizeiros, das azaleas, dos bicos-de-papagaio, das damas-da-noite. Brisa que carrega, junto com o cheiro das flores, odores desagradáveis que evocam um inimigo mortal. Ela odeia os gambás. Lentos -- exceto em cima de árvores --, notívagos, por onde passam deixam um rastro de repugnantes ondas fétidas. Por aqui, há muitos deles. Famílias inteiras... pai, mãe, avô, avó, sobrinho, neto; reproduzem-se como se o mundo não pudesse subsistir sem eles. Os vizinhos também vivem reclamando dessa peste que parece não ter mais nada a fazer que espalhar seus descendentes. "Crescei e multiplicai-vos". Terá sido dirigida aos gambás?

Morando em um condomínio fechado há três anos, afastado da cidade mais próxima uns 30 km, ela não quer saber da confusão de carros, de asfalto, do trânsito que a cada dia se torna mais infernal, das pessoas correndo para pegar o ônibus, dos motoristas irritados com o semáforo que demora a abrir, das mulheres pedintes com crianças alugadas no colo, dos bêbados, do metrô apinhado de gente apressada, indo ou voltando do trabalho.

Prefere a solidão da grama úmida que refresca o corpo e o espírito, embevecida com o céu claro dessa noite linda de outono iluminada por uma lua enorme, redonda, redonda. Reluzentes pelos fios de luz sedosa que deslizam do céu, muitos pequis, redondinhos também. Tanto quanto detesta os gambás, ela gosta de pequi. Logo, logo, eles começarão a cair, macios, saborosos, cheirosos. Não sabe por que, apenas os que caem no chão estão madurinhos e prontos para comer. Ninguém os colhe na própria árvore.

Com muito cuidado, evitando cravar no caroço os dentes, Aira os saboreia devagar, sem pressa. É com delicadeza que ela morde um pequi. O que se passa em seu coraçãozinho nesses momentos tem a ver com a singeleza, a cada mordida, de reaquecer certo encantamento da experiência. Engraçado, os gambás também adoram pequis. Seres nojentos invadem os pequizeiros bem no momento em que algum fruto está maduro, no ponto de comer, e os mordem, e devoram inclusive parte da casca macia. Larápios! Com tantos outros pequizeiros nos sítios por perto, eles preferem os daqui. Também, pudera! São mais saborosos, têm mais polpa, são extremamente cheirosos, amarelinhos e macios. Que vontade de esganá-los, um a um, com os próprios dentes! Além dos gambás, há também os morcegos, que raspam apenas um pouco do fruto e os deixam espalhados na grama quando, pela manhã, já estão cheios de formigas. Dois inimigos em potencial para dividir com ela essas delícias.

Aqui é tudo tão silencioso, tão calmo... A distância entre uma casa e outra é de, pelo menos, cinco mil metros. Ótimo, assim está bom para Aira, que prefere manter os vizinhos o mais longe possível. Ela não quer socializar-se com ninguém. Em seus contatos -- nunca amizades -- começa por excluir as confidências e, muito rápido, omite também o diálogo. Ao sentir, entretanto, a presença de estranhos - em especial os gambás - que se aproveitam da sua distração para atacar os pequizeiros, sorratamente coloca-se em posição de guarda. O ouvido da sua memória abre-se, constantemente, em estado de alerta. Escuta-lhes os guinchos, como ratos no forro de uma casa, emitindo notas agudíssimas e vibrantes, esquecidos de que seus delicados e sinuosos corpos, em silêncio, teriam favorecido a alegria do momento fulgurioso.

Alma de coruja, de cadela no cio, de mulher do seu país, acordando para a consciência de si própria na treva, no mistério ou na solidão; a nudez arisca de seu coração ansiava - numa raiva brutal - por derrotar ali mesmo aqueles que insistiam em monopolizar a relva coalhada de pequis. Se lhe tivesse sido dada a oportunidade -- ou a capacidade -- de conhecer a letra, saberia que Thoth, o inventor da escrita, permitiu com isso que o homem escreva sua própria história. Portadora dessa invenção, quem sabe Aira pudesse lidar de modo diverso com eles?

De manhãzinha, acordou. Que doce música! Um sino bateu, longe, leve; um pássaro gorjeou, e outro, e outros... O sino e os pássaros calaram-se. Uma chuva miúda começava a cair do céu, e seu espírito apreciou o misterioso momento. No contraste entre a noite clara de luar e a beleza do amanhecer de céu velado, Aira já começa a tecer a imagem de um novo crepúsculo. O sol, uma bola de carvão se apagando. Mas isso é apenas imagem literária. De verdade, o cheiro de terra molhada evoca-lhe a chegada de um novo tempo em que se deliciará com os frutos caindo da árvore; indiferente à chuva -- menos aos gambás --, calada entre outros moradores que não apreciam pequis, ela permanece velando e aguardando - entre um afazer e outro, fingindo uma paz desinteressada --, com um encantamento peculiar ao seu coração.

SALTO MORTAL

Maria Amélia Bracks Duarte,
escritora

O meu primeiro amor foi um trapezista de circo mambembe que fincou estacas na entrada da cidade, depois da ponte da delegacia. A fantasia de um mundo distante cheio de balões coloridos se revelou como um sonho. Sonho desenhado no carro de som estridente que buzina hoje tem marmelada, tem sim, senhor, e o palhaço o que é, é ladrão de mulher e a meninada corria atrás, sem rumo, tentando alcançar o leão que rugia e o macaco desdentado que ria abobalhado.

Abobalhada ficou a mocinha de treze anos quando viu o rapaz na cabine do caminhão, com olhos azuis e cabelos tão claros, que ela não teve dúvidas, devia ser o príncipe das histórias lidas e, meu Deus do céu, ele acenava, vem, vem, com um sorriso tão sedutor, que era impossível não atravessar toda a cidade sem destino. Sem destino esteve à frente da lona grande, com seu uniforme da Escola Normal, tão miúda na saia plissada de azul marinho, blusa branca e a boina com o escudo da congregação, esperando o príncipe descer da carruagem dourada e conduzi-la com suas mãos fortes.

Com mãos fortes balançava no trapézio, pra lá, pra cá, em pé como deus no Olimpo ou de cabeça pra baixo, braços estirados para segurar a morena alta que se exibiu de maiô prateado e se jogava no vazio e, então, já não era a morena, e eu me via rodopiando no ar, agarrada pelas mãos do príncipe trapezista que não temia o perigo. O perigo me perseguiu pela vida a fora e por ele me deixei seduzir todas as vezes em que tive que escolher entre situações de risco.

Risco fatal rondava o trapezista em noite iluminada e a estudante na arquibancada abraçava-se ao saco de pipoca intacto; as luzes se apagaram e os olhos levantados para o infinito mal continham a respiração ofegante do pavor de que ele podia se despencar das cordas e oh! oh!, meu Deus, ele está caindo, caindo... O rosto debruçado no colo e o senhor ao lado lembrava, deixa de ser boba e menina, não é de verdade, não, o trapezista caiu na rede, não tenha medo.

Medo de não vê-lo mais com as pernas grossas e a roupa colada no corpo, a purpúria brilhando no peito nu. O mestre de cerimônias anunciava, senhoras e senhores, respeitável público, este é o último espetáculo: a lona no chão, os elefantes enfileirados atravessando a ponte da delegacia e o príncipe na boleia do caminhão mudo, sem despedida, sem qualquer olhar, nenhum aceno, sem convite, sem fascínio. Fascínio por despenhadeiros me acompanhou pela juventude, e só mais tarde, anos depois, voltei a me apaixonar por Tony Curtis ou Burt Lancaster, não me lembro bem, e eu era a Gina Lollobrigida, de maiô prateado, e eles disputavam o meu coração e duelavam no picadeiro pelo meu amor.

Amor que me fez morrer de verdade várias vezes e em tantas situações que nos descaminhos da vida já me acostumei com despedidas sem acenos e sem lágrimas em olhos azuis e cumpro os desígnios de me jogar dos abismos sem medo das alturas em saltos mortais triplos e sem rede de proteção.

O "eu" em Ana Cristina Cesar: entre vida e poesia



Ana Cristina Cesar

É possível ler a obra de alguns escritores a partir de sua própria transfiguração em personagens. Esse parece ser o destino, sobretudo, daqueles escritores que põem termo à própria vida, isto é, levados, por forças que somente eles conhecem, à experiência radical do suicídio.

Quando se trata de Ana Cristina Cesar, poeta carioca (1952-1983) frequentemente identificada como uma das expressões da chamada "geração de 70", não é diferente. O fascínio que o suicídio de Ana C. -- como gostava de ser chamada -- exerce sobre crítica e leitores póstumos alimenta verdadeiro folclore biográfico acerca da poeta, transformando sua morte em chave imprescindível para a leitura de sua obra e muitas vezes convertendo-se no único objeto de interesse em Ana C. Contemporaneamente, para além do culto à sua morte, a obra de Ana Cristina Cesar ainda reclama ser lida.

De muito mais que morte vive essa escritora. Prodígio precoce das letras, assina uma poesia de linguagem telegráfica e estrutura paratática, a qual se debruça sobre as experiências do cotidiano com a aguda lupa psicológica própria do temperamento poético, em que ressalta um olhar feminino e sem pudores:

Anônimo

Sou linda; gostosa; quando no cinema você roça o ombro em mim aquece, escorre, já não sei mais quem desejo, que me assa viva (...)
A portadora deste sabe onde me encontro até de olhos fechados; falo pouco; encontre; esquina de Concentração com Difusão. lado esquerdo de quem vem, jornal na mão, discreta. (A teus pés. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 98)

Aspecto saliente na escrita de Cesar digno de nota é o comportamento poético diante da matéria-prima do texto, a qual é sempre a própria vivência, revelada de maneira fotográfica, no calor do instante, tal como se a escrita do poema tivesse lugar paralela e simultaneamente ao evento. Essa im-

pressão que o estilo da poeta suscita no leitor -- a da captura em instantâneo fotográfico que não passa por edição -- parece ser reconhecida por Cesar quando esta afirma escrever "in loco, sem literatura", se pensarmos a literatura como a arte pretensiosa da letra, a artesanaria lenta e difícil da forma, e o poeta, o manipulador escrupuloso do objeto.

O tom informal e confessional dos textos de Cesar e o uso, até mesmo, da estrutura do diário e das cartas colocam em zona de contato, quase a ponto de se confundirem, biografia e texto literário. Tais aspectos geram, contudo, uma armadilha: enquanto é projeto da maior parte dos poetas marginais da geração de 70, como Cacaso e Chacal, produzir uma poesia de fácil assimilação, de modo a atingir as massas, Cesar não carrega seu texto de elementos do cotidiano em busca unicamente de estabelecer comunicabilidade e cumplicidade com o leitor. Ela trabalha na reinvenção de si mesma e de elementos da literatura, questionando o sujeito e "a própria linguagem que configura esse sujeito num determinado espaço e tempo". Daí surgem, frequentemente, as acusações de hermetismo à sua poesia, que tanto desmotivam as tentativas de aprofundamento em sua obra.

Nesse sentido, ler o texto de Ana Cristina Cesar, especialmente devido ao embaralhamento entre o "eu" dito verdadeiro e o "eu" linguístico, é uma tarefa que jamais deve ser feita em estado de ingenuidade. Em outras palavras, é preciso,

sem fechar os olhos ao jogo que põe em trânsito vida e texto, jamais perder de vista que, na superfície da página, o "eu" é, também, apenas "aquele que diz 'eu'".

Sumário

Polly Kellog e o motorista Osmar.
Dramas rápidos mas intensos.
Fotogramas do meu coração conceitual.
De tomara-que-caí-azul-marinho.
Engulo desaforos mas com sinceridade.
Sonsa com bom-senso.
Antena da praça.
Artista de poupança.
Absolutely blind.
Tesão do talvez.
Salta-pocinhas.
Água na boca.
Anjo que registra.
(A teus pés. 2. ed. São Paulo, Ática, 1999. p. 98)

Por Nathalia de Aguiar
Ferreira Campos,
mestranda em
Teoria da Literatura
pela UFMG

LIVRO DAS HORAS

Na noite do dia 15 de agosto deste ano, no Rio de Janeiro, Nélida Piñon lançou sua mais recente obra, *Livro das Horas*. Designação medieval que significa "Livro de Oração", tradição milenar ocidental, desde o cristianismo primitivo, que se consolidou na época monástica e continua vigente. São dias, semanas, meses e anos predispostos para louvores a Deus em livros conhecidos como *Liturgia das Horas*. O título desse novo livro e sua discreta capa evocam, de certa maneira, o livro litúrgico, apesar de a narrativa não conter nenhuma intenção explícita de relação com a prática religiosa cristã ou de outro credo religioso.

O *Livro das Horas* soa como uma epopeia (como Homero é lembrado pela autora) à sacralidade da vida de cada pessoa, nas suas pulsações, conduzindo cada um de seus leitores ao mundo

da recriação, quem sabe, do *Livro das Horas* de cada um. Piñon discorre sobre



Capa do último lançamento de Nélida

sua vida desde os tempos áureos, quando morou em Nova York, até pequenos acontecimentos, como tomar café da manhã e ler jornal; vagueia por sonhos, amizades, amores e mortes, valendo-se de sua extraordinária imaginação; envolve o leitor no redemoinho do seu existir, entrelaçando presente, passado e futu-

ro. Como disse Eduardo Portella no prefácio do livro: "Aí a memória e a autobiografia, o ensaio e o poema em prosa, assinam um superior protocolo de intenções, que uniria para sempre a narradora artilhosa e a vida do mundo, superando mesmo os limites do que a autora chama, com propriedade, o "real fingido". A "escriba", como se autodefine Piñon, abre com esse livro espaço para uma crítica literária genética, que está ocupando, cada dia mais, as mentes universitárias. Já na primeira página, a autora assevera: "Não vivi sem resultados, minha vida não foi inóspita", e esta é a verdade que perpassa toda a obra de Nélida Piñon."

Por Maria Inês Marreco,
doutora em Literaturas de
Língua Portuguesa pela PUC-Minas

A mulher que foge em *Fuga hesitante*

Em abril de 1935, a revista carioca *Revista da Semana* lançou uma edição especial, intitulada "Álbum Debret". Com a intenção de reunir várias imagens do famoso etnógrafo, Jean-Baptiste Debret, tal edição pretendeu divulgar aos leitores uns sessenta desenhos feitos pelo artista.

Além das imagens do Brasil dos séculos 18 e 19, que retratam a vida colonizada e escravocrata, foram publicadas dezenas de textos pertencentes ao conteúdo típico da revista: poemas, pequenos contos, revisões de livros de literatura, crítica, história, e notícias cotidianas da sociedade brasileira. O "Álbum Debret", portanto, mistura a arte, a literatura e a cultura do Brasil à época de sua publicação com o imaginário do Brasil colonial criado pelo próprio Debret.

Logo no início dessa edição, na oitava página, há um texto que, justaposto ao tal exemplar de Debret, problematiza sutilmente a celebração cega do passado que foi tão comum durante a febre de luso-tropicalismo Freyriano/Salazariano nos anos 1930 e 1940. Esse texto, intitulado *Fuga hesitante*, um poema em prosa moderno, foi escrito por um autor que se identificou apenas com o pseudônimo Amaryllyis. Não há nenhuma informação biográfica sobre o autor, fato que impossibilita determinar se a voz do eu-escritor é a mesma do eu-narrador.

Seja escrito por uma mulher ou por um homem, sem dúvida, o texto trata do papel da mulher: da mulher branca, da mulher negra (chamada "morena") e do relacionamento entre ambas. De fato, *Fuga hesitante* analisa aquilo que Debret não questionou, apenas pintou, por exemplo, na imagem que precede o texto, intitulada *Um jantar brasileiro* (1827), em que se vê um casal branco sentado a uma mesa farta, cercado por seus empregados negros.

Do lado esquerdo dessa imagem, está a mulher branca e, detrás, dela, uma mulher negra, de pé, soprando-os. Por parecer tão bucólica como outros desenhos de Debret, essa cena quase não chama a atenção. As mulheres não se olham e cada uma cumpre o seu papel social, determinado pelas relações raciais época. Amaryllyis, contudo, obriga-nos a prestar atenção nessas mulheres:

"Vida de mulher! Quantas mulheres terão roçado na sua vida? Sei de duas. Pintou-mas... Ou esculpiu-as minha inquieta fantasia? Uma, doce, branca, cabellos em tranças castanhas, cahindo-lhe sobre os hombros plasticos. Serena, harmoniosa, de mãos quietas, quasi mysticas quando beijadas. Sorriso claro, olhos claros, gestos claros como bençãos. A outra morena, um bulicio de phrases inacabadas na carnação sadia. Olhos de febre. Bocca molhada. Seios audazes. Toda morna. Toda fremito. Toda ella na dansa palpitante das mãos. Mãos ou asas?"


Embora a intervenção de Amaryllyis não descreva perfeitamente a cena de Debret (e.g. a mulher branca no desenho não tem "tranças castanhas cahindo"), é possível comparar o texto com o conjunto de imagens do pintor, pois o imaginário é o mesmo. A mulher branca é apresentada como uma pessoa "serena", "harmoniosa" e de "mãos quietas", enquanto a mulher negra não se apresenta tão quieta -- tem "um bulicio de phrases inacabadas na carnação sadia". A descrição da mulher negra lembra os estereótipos da época, que continuaram nos anos 1930 e persistem até os dias de hoje.

Essa mulher negra é hipersexualizada, a suposta "carnação sadia" que explica os "olhos de febre", a boca "molhada", os "seios audazes". Os afrodescendentes, tanto mulheres quanto homens, foram representados como

"tudo morno(s)" simplesmente por serem de descendência africana.

Porém, em *Fuga hesitante*, Amaryllyis toma a mesma imagem da mulher negra sexualizada e a torce. Tanto a mulher negra quanto a branca são criações do artista, que é homen. "Pintou-mas", diz o eu-narrador. "Pintou-lhes as almas em contornos quasi tristes, esboçou-lhes a expressão das attitudes, e eu esculpi-lhes os olhos, os labios, o sorriso, as mãos. Ou esculpiu-as minha inquieta fantasia?" Ou seja, todas as partes do corpo feminino (as mãos, a boca, os olhos) ora representam a sexualidade que não se pode controlar, ora representam a docilidade que não se pode compreender; são imagens fabricadas pelo braço desse eu-pintor. Tudo faz parte da "inquieta fantasia" dele.

Enfim, o anonimato do escritor permite-lhe tornar personagem do texto. É Amaryllyis que provoca o questionamento do imaginário do eu-pintor. E a tal fuga do título, da mulher negra que está querendo voar, acaba sendo a intenção do narrador: "Rio-me e fujo rindo. Riem-se minhas mãos no estontamento da carreira, ri-se meu vestido claro rodado pelo vento". Essa fuga é a fuga da mulher "roçada", da mulher tratada, do (a) autor (a).

As últimas linhas do texto resumem a questão fundamental lançada em *Fuga hesitante*: "Meus gestos, meus olhares, minha voz... não vão elles gritar este grande e louco segredo? Que segredo?" Quais são os segredos simbolizados pelos gestos da mulher negra, de Amaryllyis, dos vários narradores? Qual é o segredo da mulher que não chega a ser mais do que uma "intenção"? 

Por Melissa Schindler, doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade do Estado de Nova Iorque, Buffalo (EUA)

Fuga hesitante

Por Amaryllyis, Revista da Semana, abril 1935

Ergo-me. Sob meus passos, as folhas estridulam em seccos quebramentos de dôr. Meus pés teem a volupia das corridas doidas. Correr. Fugir. Fugir do marasmo estagnante, do silencio absurdo das penumbras interiores excessivas. Paro. E penso nelle. Elle? Numa vida assim branca, assim abstrahida? Vida de mulher! Quantas mulheres terão roçado na sua vida? Sei de duas. Pintou-mas. Pintou-lhes as almas em contornos quasi tristes, esboçou-lhes a expressão das attitudes, e eu esculpi-lhes os olhos, os labios, o sorriso, as mãos. Ou esculpiu-as minha inquieta fantasia?

Uma, doce, branca, cabellos em tranças castanhas, cahindo-lhe sobre os hombros plasticos. Serena, harmoniosa, de mãos quietas, quasi mysticas quando beijadas. Sorriso claro, olhos claros, gestos claros como bençãos. A outra morena, um bulicio de phrases inacabadas na carnação sadia. Olhos de febre. Bocca molhada. Seios audazes. Toda morna. Toda fremito. Toda ella na dansa palpitante das mãos. Mãos ou azas? E apagaram-se, esfumaram-se ambas. Surgi eu como a confusão de duas sombras. Mais fugaz, mais leve. Impalpavel. Mulher ou intenção? Rio-me e fujo rindo. Riem-se minhas mãos no estontamento da carreira, ri-se meu vestido claro rodado pelo vento. Rio-me tanto...ora! Olho a manhã musicada de abelhas. No céu azul vôos brancos de azas molles.

E aquellas pupillas de chammas claras, tão claras que parecem vazias. Olhos brancos...brancos? Voz e olhos. Um homem. Fujo. O vento parece querer agarra-me e molda-me os flancos. O sol frecha-me os cabellos em grampos de ouro. Na minha carne assim quente os beijos devem doer, os labios devem queimar. Afogueada escondo as mãos, desço as palpebras sobre os olhos, cerro os labios fortemente, fortemente...Meus gestos, meus olhares, minha voz... não vão elles gritar este grande e louco segredo? Que segredo?

Dilacerações: a memória da violência nas narrativas afro-brasileiras femininas

A relação entre a arte e a dor pode parecer, num primeiro momento, paradoxal, uma vez que a arte está associada, pelo conceito clássico, ao belo. Márcio Seligmann-Silva, ao discutir sobre os traumas da sociedade pós-guerras, reconhece essa aporia e apresenta, fundamentado nos conceitos clássicos, uma intrínseca relação entre esses dois elementos. Para ele, a arte pode estar relacionada à morte e ao terror, como a encenação do sacrifício ou o culto aos mortos, seja para exorcizar ou apaziguar a impossibilidade humana diante do mistério de Tanatos.

Ao trazer a violência do racismo e do sexismo à cena, a literatura afro-brasileira feminina intenta dar conta do horror para apaziguá-lo ou exorcizá-lo, como o crítico aponta. Ouso ainda dizer que, ao tratar da violência feminina, as autoras que o fazem permitem que a dor ali ficcionalizada possa ser compartilhada, fazendo valer o princípio da tragédia apontado por Aristóteles, ao dizer que entre a piedade e o terror provocados pelo trágico surge a compaixão, devido a uma identificação com o sofrimento e, ao mesmo tempo, distanciamento por estar "fora" daquela cena.

Quero considerar o fato de que a tragédia tem o poder de fazer o sujeito, seja o leitor, seja o espectador, parar e se colocar, mesmo que ficcionalmente, no lugar do outro. Logo, a tragédia -- e não me refiro mais somente ao gênero -- é um recurso importante quando falamos de alteridade e, acredito, é um dos argumentos fundamentais para um constante questionamento em relação à escrita afro-brasileira, no que diz respeito aos finais não-felizes de tais obras.

Penso que a memória da violência contra a mulher na literatura, além da conexão com a arte da representação da dor sublimada, presente desde as escrituras bíblicas, também humaniza os dramas das mulheres negras renegadas ou silenciadas na literatura dita universal ou canônica.

Autoras como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves e Cristiane Sobral vêm criando contranarrativas que, embora não menos violentas, tratam da questão da mulher negra com um outro viés. Antes, relegadas à cozinha, mudas nos porões dos navios, dilaceradas por senhores que julgavam-nas objetos sexuais, agora, mães, donas de casa, empresárias, contudo vítimas do olhar preconceituoso que ainda quer mantê-las nos padrões

eurocêntricos da colonização. Mulheres modernas que sofrem os dramas modernos e ressuscitam os dramas de sua ancestralidade, na tentativa de manter viva a memória da dor para afastar o sofrimento, são as protagonistas das escritoras tratadas aqui.

O poema "Vozes-mulheres", de Conceição Evaristo, ilustra bem essa estética da dor e violência na literatura afro-brasileira feminina. Desde a primeira estrofe, quando nos comunica que a voz da bisavó ecoou nos porões do navio lamentos de uma infância perdida. A ancestralidade aparece aqui como uma referência implícita à violência sofrida pelas africanas trazidas para o continente americano nos porões dos navios como mercadorias. O eco da infância perdida ainda ressoa hoje no romance *Becos da Memória*, em que Maria Nova, ao refletir sobre a violência sofrida pelos negros residentes das favelas, percebe que pouco se difere daquela vivida no colonialismo.

O eco de mulheres nos porões do navio também ressoa a voz da preta Suzana no capítulo do romance *Úrsula*, da contemporânea de José de Alencar, Maria Firmina dos Reis, que recebe o nome da personagem. Nele, a voz do diaspórico se faz presente para relatar, numa descrição mais explícita de violência, as atrocidades sofridas pelos africanos escravizados.

Preta Suzana ri de Túlio, que se orgulha de sua liberdade pela carta de alforria recebida. Para ela, Túlio não sabe o que é ser livre. Neste momento, a personagem recorre à memória dos bons tempos em que vivia ao lado da família, em África, para narrar a dor de ter uma vida perdida pela escravização. Suzana rememora sua dor na expectativa de que Túlio possa compreender o que seria liberdade e não se iludir com o documento recebido. Ao ser indagada por Túlio sobre essa memória, a anciã diz da impossibilidade de esquecer o que viveu e que não morrerá por isso, mas sempre sentirá a dor da vida perdida a cada recordação.

Kehinde, personagem de Ana Maria Gonçalves, faz ecoar a mesma tristeza e violência sofridas no navio para o Brasil com a irmã gêmea e a avó, que morre na travessia. O mau cheiro do porão e as péssimas condições de acomodação descritas pela narradora substituem a infância que poderia ter sido feliz ao lado de seus compatriotas. A

personagem descreve os momentos de desespero seu e de suas companheiras de porão pela ausência de banheiro, pela fome e doenças que envolviam aquele lugar, mas também mostra a solidariedade e união daquelas pessoas que, mesmo com crenças e línguas tão distintas, entoavam cantos para amenizar a dor, sentimentos imperceptíveis aos olhos da águia que o eu-lírico de Castro Alves constrói para narrar as agruras do navio.

A terceira estrofe do poema de Evaristo traz a voz da mulher que é subjugada aos afazeres domésticos e tem seu espaço reduzido ao quarto de despejo, para usarmos a perífrase de Carolina Maria de Jesus para se referir à favela:

**A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.**

A voz da mãe do eu-lírico ressoa no diário que Carolina Maria de Jesus publica para exorcizar toda a violência sofrida por ser negra, pobre, favelada e mulher. A escrita dá a Carolina poder e com ela, todo o seu universo de identificação. A capacidade de registrar sua dor funciona tanto para exorcizar quanto para amenizar o sofrimento. É a voz das suas ancestrais que se presentifica no seu discurso que, por sua vez, ecoa nas vozes das mulheres descritas por Evaristo.

Em seu diário, Carolina Maria não trata apenas da situação do pobre no país, mas também da condição da moradora da favela que sofre as agressões do marido. A autora revela que não é casada e é mais feliz por isso, pois muitas mulheres apanham dos maridos, são obrigadas a mendigarem e vivem como escravas indianas.

A voz que sobreviveu a todos os horrores do machismo e do racismo precisa continuar ecoando e a quarta e quinta estrofes retratam -- não só mais eco-

**A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.**

am -- a realidade das mulheres silenciadas e violentadas ao longo da história:

A voz que aparece aqui é também a de Cristiane Sobral, que anuncia: não vou mais lavar pratos, assinei a minha lei áurea. Observemos que a estética da dor surge nessas estrofes associada à perplexidade. O eu-lírico repudia o passado violento e silenciado e anuncia que seu eco continuará na voz de sua filha. O poema traz a concepção de que essas mulheres nunca se calaram, foram caladas e que, na voz de Preta Suzana, Kehinde ou Carolina, foram ecoando até recolherem o ato-fala, descrito na última estrofe do poema:

**A voz de minha filha
recolhe em si a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.**

Nela, há uma ressonância, ou seja, um conjunto de vozes que ecoam e forma um som uniforme, com maior alcance. A junção ontem, hoje, agora evidencia a mesma necessidade da Preta Suzana em contar sua trágica história mesmo que isso lhe cause dor. A fala e o ato refletem a memória que se torna arquivo para concorrer com a

historiografia, apresentando um outro ponto que antes fora silenciado.

O eco da vida-liberdade surge como a consequência dessa ressonância de vozes mulheres que se negaram ao silenciamento, mesmo sabendo das imposições e limitações de uma terra de brancos donos de tudo e que hoje ecoam para lhes tirar o sono, despertar a compaixão e tornar pública uma dor que vem ecoando desde os porões do navio.



*Cristiane Felipe Ribeiro de Araujo Côrtes,
mestre em Teoria da Literatura pela UFMG e
professora de Língua Portuguesa do CEFET MG*

Rastros de vida no arquivo de Maria Lysia Corrêa de Araújo

Nascida em 4 de setembro de 1921 e recentemente falecida -- em 15 de janeiro de 2012 --, Maria Lysia Corrêa de Araújo, irmã das também escritoras Zilah Corrêa de Araújo e Laís Corrêa de Araújo, dedicou-se ao teatro, à literatura e ao jornalismo. Foi atriz premiada, publicou crônicas e contos nas revistas *O Cruzeiro*, *A Cigarra* e *Ficção*, e em jornais como *Estado de São Paulo*, *Estado de Minas* e *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Estreou na literatura, em 1978, com o premiado livro de contos *Em silêncio*. Logo, publicaria mais seis livros, entre os quais há títulos direcionados ao público infantojuvenil como *Os pássaros que gostavam de poesia*, de 1981; *Bairro feliz*, de 1982; *O círculo*, de 1985; *O carneirinho diferente*, de 1987 e *Aprendiz de barroco*, de 2002; além do romance *Um tempo*, de 1985. Há ainda um livro inédito intitulado *Os 4 lagartos brancos*.

Às margens do cânone, seus livros não têm reedições recentes e restam poucos exemplares em sebos esparsos no país. Tal fato, certamente, agrava a exclusão e o esquecimento experimentados por tantos nomes no cenário literário brasileiro, que, apesar de terem evidente qualidade literária, continuam praticamente desconhecidos do grande público.

Recentemente recebido pelo Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (PROMEL), seu arquivo conta com manuscritos, livros, primeiras edições por se tratar de primeiras edições, títulos importantes no repertório literário, exemplares com dedicatórias ou anotações da escritora, fotografias, bilhetes, sua máquina de escrever, entre outros objetos que lhe foram caros. Do-

mentos de arquivo instigantes para conhecermos melhor essa escritora e sua obra.

Nesse arquivo, destacam-se os livros de seu acervo pessoal. Neles, há marcas de memória por meio de dedicatórias, de anotações de leitura, de preferências literárias e do registro de seus interesses de leitora como seu fascínio por Minas Gerais, pela palavra, pelas línguas inglesa e alemã e pela cultura brasileira.

Na marginália recorrente nas páginas dos livros, observa-se, algumas vezes, uma apropriação do espaço em branco para o estabelecimento de diálogo com o autor lido; outras vezes, estabelecem-se inscrições de ordem biográfica, como no livro *Pastoral de Minas*, de Geraldo Reis. Nele, há uma epígrafe de Guimarães Rosa com os seguintes dizeres:

**Minas é a montanha, montanhas,
o espaço erguido, a constante
emergência,
a verticalidade esconsa,
o esforço estático,
a suspensão região - que se escala.
João Guimarães Rosa**


Após o nome de João Guimarães Rosa, Maria Lysia acrescenta uma vírgula e escreve: "que propagou errado isto: Viver é perigoso. Perigoso é conviver. Eu que o diga, depois que saí do Madre Tereza. Quando entrei, ainda tinha confiança (fé) no tal do ser humano... Hoje... Há exceções. 18/08/02".

O relato biográfico supracitado vale como exemplo da diversidade de registros feitos nos arquivos de escritores e deixa indício do quanto pode ser híbrido um documento. No espaço em que seriam previsíveis anotações da leitora, ins-



Maria Lysia Corrêa de Araújo

creve-se o registro de uma "página de diário" -- anotações pessoais de inquietudes diante da vida, do convívio com o outro. Essas e tantas outras anotações feitas à margem dos livros ou em pedaços de papel materializam o que Roland Barthes denominou de estabelecimento do diálogo.

Ela interfere, participa da escrita inscrevendo-se nela. Nessa breve leitura do arquivo, pode-se dizer que Maria Lysia Corrêa de Araújo encena sua própria vida a partir desse registro à margem, atuando performativamente em seu arquivo. 

*Por Kelen Benfenatti Paiva,
doutora em Literatura Brasileira
pela UFMG e professora do IF Sudeste MG,
em São João del-Rei*

O FANTASMA DA LITERATURA FEMININA

Por Carola Saavedra, escritora,
autora de *Flores azuis*, *Paisagem com dromedário*, entre outros livros

A jovem escritora senta-se sorridente diante do entrevistador. Pronta para falar de seu novo livro, da polifonia, do enredo, da desconstrução da trama, das influências de Kant, Nietzsche, Kierkegaard. É quando ouve a fatídica pergunta: "Você, como representante da nova geração, o que acha da literatura feminina? Ela existe?". A jovem escritora ajeita seus óculos de grau, faz cara de poucos amigos e afirma com veemência que tudo não passa de mito, lenda, intriga da oposição. Explica que as mulheres escrevem da mesma forma que os homens, que são os mesmos temas, as mesmas preocupações. Prova por A mais B que o fato de ser mulher em nada influencia o livro que escreveu. O entrevistador sorri educadamente, mas não se mostra muito convencido.

Mas que significados estão embutidos nessa expressão, "literatura feminina"? Por algum tempo (especialmente nas décadas de 1960 e 1970), tratou-se de uma expressão que definiria e defenderia na literatura os direitos das mulheres num mercado que durante séculos as manteve num papel de musa, jamais de criadora. Hoje em dia, é coisa de mulherzinha, literatura de dona de casa, escrevinhações de donzela chorosa.

Na melhor das hipóteses, um epígono de Clarice Lispector; na pior, aparentada com os indefectíveis romances *Julia* e *Sabrina* que nos espreitam entre as revistas nas bancas de jornal. Enfim, com o passar dos anos, o termo literatura feminina tornou-se uma espécie de bicho-papão. E, gostemos ou não, a verdade é que se a pergunta continua sendo feita, não é por implicância do entrevistador, mas porque há algo ali que ainda não foi resolvido, não encontrou sua resposta. É necessário então observar com cuidado de que fantasma se trata.

Olhando com atenção para o nosso fantasma, perceberemos que ele nos faz algumas perguntas: Há algo no texto que diferencia um homem de uma mulher? Um lugar a partir do qual se escreve? Se a experiência do corpo é indiscutivelmente outra, não terá isso necessariamente um reflexo na construção da própria escrita? Se a ciência insiste em dizer que meninos e meninas reagem de forma diferente às diversas situações, será que existem assuntos preferidos por mulheres e assuntos preferidos por homens? Ou será tudo uma questão de gênero, papéis ocupados independentemente do sexo? O fantasma nos devolve o olhar e solta uma gargalhada.

Na busca por respostas, iniciemos com uma breve retrospectiva. Começemos pensando em quem eram as mulheres que escreviam. Até o final do século 19, elas praticamente não existiam, seja porque a maior parte pertencia a uma classe social que não permitia sequer o acesso à escolaridade, seja porque, quando se tinha acesso, no caso de famílias mais abastadas, na maioria das vezes não se admitia que gastassem seu tempo com veleidades artísticas ou intelectuais. Em outras palavras, lugar de mulher era em casa, junto ao marido, aos filhos, à mobília. Claro que havia exceções, as irmãs Brontë, Jane Austen, George Eliot, etc., o que de fato só faz confirmar a regra.

No início do século 20, a situação começa a mudar, a mulher passa a ter maior acesso à escolaridade. Seu univer-

so, porém, ainda é o da vida privada, da família. E isso, claro, se refletia em seus livros, afinal, dificilmente ela escreveria sobre intrigas internacionais, guerras, política, se o que conhecia, o seu mundo, estava restrito ao âmbito da casa.

Chegam os anos 1960, 1970, e com eles novas mudanças, talvez as mais radicais: as mulheres saem da casa e passam a ocupar lugares antes exclusivos aos homens, surgem advogadas, executivas, engenheiras. É também a época em que adquire maior força a luta pelos direitos da mulher. Como é muito comum em momentos de embate, há uma radicalização dos papéis, e é também nessa busca por novos espaços que surgem conceitos totalizadores, entre eles o de literatura feminina.

A partir da década de 1990, a situação de certa forma se estabiliza, mulheres também trabalham fora, se preocupam com suas carreiras, homens também ficam em casa, se preocupam com a criação dos filhos, com a família -- ou seja, homens e mulheres transitam igualmente entre o público e o privado. E essa nova constelação reflete-se, é claro, na literatura: dramas familiares e viagens pelo mundo, por exemplo, são narrados tanto por homens quanto por mulheres. Tentar decifrar o sexo do autor a partir de sua escrita torna-se um exercício de adivinhação. Em outras palavras, o texto perde as marcas de gênero, para apresentar apenas as diferenças individuais.

Voltamos então à questão inicial. Se homens e mulheres ocupam papéis semelhantes e publicam livros não mais classificáveis quanto ao gênero, por que a pergunta ainda insiste? Por que o fantasma continua ali, olhando para nós com seu sorriso irônico? Talvez porque se trate de uma questão que ultrapassa a literatura, afinal, por mais mudanças que ocorreram na sociedade, por mais que os papéis se aproximem e se misturem, continuamos nos fazendo as mesmas perguntas básicas, entre elas, o que é ser um homem, o que é ser uma mulher?

À primeira vista a resposta pode parecer fácil, mas não é. Cientistas, sociólogos e psicanalistas continuam pensando e discutindo sobre ela. No que diz respeito exclusivamente à literatura, resta-nos aceitar que oferecer respostas não faz parte de sua essência -- ao contrário. Mas talvez ela sugira novas perguntas que, por sua vez, possam nos ajudar a compreender melhor nosso lugar no mundo. De qualquer forma, à literatura interessa apenas o texto, seu valor literário, e como toda criação artística, se faz e se esgota independentemente de qualquer teoria.

Quanto à nossa jovem autora, talvez daqui a 50 anos, ela, já não mais tão jovem, mas com vários livros publicados, diante do entrevistador, possa responder (sem que isso lhe provoque angústia): "Se existe uma literatura feminina? Talvez sim, talvez não. De qualquer forma, para a literatura, isso não tem a menor importância".



O artigo, acima, de Carola Saavedra foi publicado em outubro de 2012 no jornal *Gazeta do Povo* e autorizado pela escritora para publicação no *Mulheres em Letras*



Carola participou do IV Colóquio Mulheres em Letras da UFMG, como uma das escritoras convidadas

Foto: Fátima Peres

O LIVRO LITERÁRIO COM DUAS ESCRITAS

Por Elizete Lisboa, escritora

Nos últimos anos, o Braille vem ganhando mais espaço no mundo do faz de conta. Já circulam Brasil afora livros de literatura infantil no formato duas escritas. Alguém vai perguntar: "Que é livro com duas escritas?"

A designação se refere às publicações em que linguagem tátil e linguagem visual ficam lado a lado. Em cada página, a escrita comum e outros elementos visuais seguem num paralelismo com o texto em Braille. A leitura então pode ser feita de duas maneiras: mãozinhas sobre o Braille; ou, se a criança enxerga, ela vai ler olhando para a página.

É agradável pegar um livro, tê-lo nas mãos. No seu belíssimo poema "Biblioteca verde", Carlos Drummond de Andrade fala do seu deslumbramento de menino diante do objeto livro. Antes de iniciar a leitura, "que bom passar a mão", diz o poeta. A gente sabe que as crianças, todas elas, independentemente da sua condição visual, estão sempre querendo tocar os objetos, sentir sua materialidade. A alegria tátil existe. É bom ter mãos que gostam de ver o mundo. A emoção de ver com as mãos é uma das maravilhas de viver, de ser gente. As crianças sabem disso muito mais que os adultos. É certamente por causa das mãozinhas curiosas, ansiosas de emoção, que os livros com duas escritas são recebidos com entusiasmo pelo público infantil.

Mas os e-books estão chegando ao mercado. Com certeza, vão fascinar meninos e meninas de todas as idades. Tem gente com medo... Mas eu não creio de modo algum que os e-books vão chegar com fúria de bicho-papão, devorando livros de papel. Criança não há de ficar sentada sempre diante de uma tela de TV ou computador, vendo e ouvindo. Criança é corpo querendo movimento, criança tem mãos para se maravilhar com o mundo. Por óbvio, nem é necessário falar da importância do livro com duas escritas para os leitores que precisam do Braille. Mas, e para os leitores com acuidade visual dentro dos padrões de normalidade?

Tenho visitado as mais diferentes escolas, Brasil afora. Sempre observo que o comportamento das crianças que enxergam, no contato com o livro com duas escritas, é muito semelhante. A meninada brinca de Braille. Fecha os olhos, finge que está lendo, tenta de olhos fechados identificar os desenhos em alto-relevo. Brincando de ser outro, a criança está brincando de inclusão. Sem dúvida, essa atividade lúdica abre caminhos para o aprendizado de um melhor convívio social.

Por outro lado, brincando com o alto-relevo, as crianças que enxergam estão exercitando o tato. A infância é o momento mais oportuno para se avançar no desenvolvimento desse sentido que é tão importante também para a criança que enxerga. Uma educação de qualidade não pode permanecer para todo o sempre desatenta a essa evidência.

Um outro fato pede nossa atenção. Crianças sem deficiência visual, sobretudo as já alfabetizadas, a partir da leitura de livros no formato duas escritas, quase sempre manifestam

interesse em buscar mais conhecimentos sobre o universo da invisibilidade. Frequentemente, a curiosidade vem junto com o interesse em aprender a escrita Braille. Como o Braille é apenas a representação das palavras com uso de um alfabeto diferente, formado de pontinhos, fica claro que esse aprendizado costuma ocorrer numa rapidez inimaginável. As crianças se divertem com o alto-relevo, brincam de aprender Braille -- e muitas aprendem mesmo. O que importa não é avaliar o uso prático desse aprendizado. Outros questionamentos são mais relevantes: O texto era literário? As crianças leram, se enriqueceram, se encantaram?

A história do livro com duas escritas está apenas começando. No Brasil, em consulta a editoras nesse fim de ano de 2012, encontrei perto de cem títulos à venda. É pouco. Quase nada. Além disso, lamentavelmente, a grande maioria dos títulos comercializados não tem boa qualidade. Os problemas não mudam: ilustrações pouco trabalhadas, desenhos onde só se pode ver o que está desenhado, e o que está desenhado não passa de repetição (ou explicação) do texto. Por sua vez, os textos em geral vão pelo caminho da autoajuda e do didatismo. Temos que dar razão a Manoel de Barros quando ele diz: "Para cantar é preciso perder o interesse de informar". Com literatura, não é diferente. Texto que ficou nos limites da denotação, que apenas serve a um propósito educativo, não é arte. Portanto, não pode ser literatura. Está aí o entrave. Poucas obras. E o número de obras diminui muito quando recusamos o lugar-comum e queremos LITERATURA.

É necessário e urgente trazer livros com duas escritas -- de boa qualidade -- para o dia a dia de todas as crianças, sejam elas cegas ou não. Sem nenhum medo de incorrer em exagero, posso ir além, ser mais radical: não se pode admitir infância sem contato com livros literários nesse formato.

Enfim, já estão aí os livros de literatura infantil com duas escritas. Com esse seu jeito de livro e de brinquedo, eles chegaram para ficar: são "o que faltava", vieram para preencher lacunas. Hoje, livros assim são tão poucos ainda... Mas um dia, tomara que não demore, eles serão muitos.

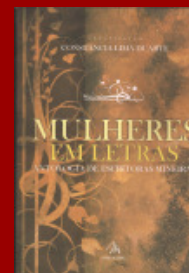
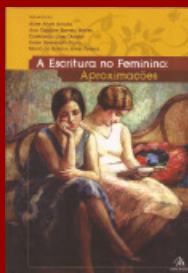


Foto: Vera Grada

Elizete Lisboa é uma das convidadas do próximo Colóquio Mulheres em Letras da UFMG

Para adquirir qualquer um destes livros, envie um e-mail para mulheres@letras.ufmg.br, que entraremos em contato.

**Valor: R\$ 30,00
(O frete já está incluído)**



A literatura cubana de Mirta Yáñez

A escritora cubana Mirta Gloria Yáñez Quiñoá, mais conhecida como Mirta Yáñez, é a entrevistada deste número de ML. Assina 36 obras publicadas em Cuba e em outros países. Já foi premiada diversas vezes e aquele que considera de maior relevância foi o prêmio Forderpreis der Initiative LiBeraturpreis, em Frankfurt, na Alemanha, no ano de 2001. Como convidada já proferiu palestras em dezenas de países, como França, Itália, México, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Brasil, entre outros. E quem vê aquela mulher pequena, miúda, mas extremamente bem articulada e muito atenciosa, não imagina a sua grandeza e contribuição para a literatura cubana e mundial. Durante sua visita ao Brasil, Mirta concedeu entrevista ao Mulheres em Letras. Abaixo, um pouco sobre a vida e a produção acadêmica e literária da escritora.



Foto: Fátima Peres

A escritora Mirta Yáñez veio ao Brasil em 2010 para divulgar o livro: Trocando gato por lebre ou menino por vaca, de seu irmão, Alberto Yáñez, e traduzido no Brasil por Bartolomeu Campos de Queirós

¿Quién es Mirta?

Mirta: Soy, ante todo, una escritora. Cubana, descendiente de gallegos y asturianos, amante de perros y gatos, del signo de Aries, aspiro a la honestidad ante todos los hechos de la vida. Soy Doctora en Ciencias Filológicas pela Universidad de La Habana, Cuba em 1992. Licenciada en Lengua y Literaturas Hispánicas de la Escuela de Letras y Arte de la Universidad de La Habana em 1970 e profesora Auxiliar de la Universidad de La Habana, Cuba em 1985. Me gradué en estudios titulados de Inglés, Ruso e Italiano. También ha estudiado y conoce el Francés. Soy miembro de las organizaciones: Unión de Periodistas de Cuba (UPEC) desde 1987 e Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC) desde 1977. Mi principales temas de investigación académica: narradoras cubanas y el discurso femenino en Cuba, poesía cubana escrita por mujeres, desarrollo histórico y estético del cuento: el proceso de la narración breve en América Latina y Cuba, romanticismo en hispanoamérica, poesía romántica del siglo XIX hispanoamericano e literatura prehispánica.

2- ¿Cuántos libros ya publicado e cuales?

Mirta: Escribí 36 libros. *Sangra por la herida* (novela), La Habana, 2010. *Havana is a really big city and other short stories* (cuentos), 2010. *El búfalo ciego y otros cuentos* (compilación de cuentos), 2008. *Faux Papiers Falsos documentos* (cuentos, edición bilingüe), 2007. *Serafín y las aventuras en el Reino de los Comejenes* (cuento infantil), Colección Dienteleche, 2007. *La fiesta de los caballitos* (novela infantil, edición mexicana de Serafín y sus aventuras con los caballitos), 2006. *Cenicenta* (versión teatral), 2006. *Del azafrán al lirio*, (recopilación de textos variados), 2006. *El Matadero: un modelo para desarmar* (ensayo), 2005. *Falsos documentos*, (cuentos), 2005. *Havanna ist eine ziemlich grosse stadt* (cuento), 2001. *Camila y Camila*, (testimonio), Ediciones La memoria, Centro Cultural "Pablo de la Torriente Brau", 2003. *Un solo bosque negro*, (compilación poética), 2003. *Serafín y sus aventuras con los caballitos* (novela infantil), 2003 (tercera edición). *Cubanas a capítulo* (ensayo), 2000. *El diablo son las cosas*, (cuento, segunda edición) 2000. *Narraciones desordenadas e incompletas*, (narraciones), 1997. *Algún lugar en ruinas* (poesía), 1997. *Poesía casi completa de Jiribilla el conejo* (poesía para niños), 1994. *Todos los negros tomamos café y otros cuentos* (cuento), 1993 entre otros.

3- ¿Cuando usted se convierte en un escritor?

Mirta: Creo que nací con el "bichito" de las le-

tras. Mi padre era periodista, y tenía un tío abuelo que escribía poemas. Empecé a escribi a los siete años. También quería ser pintora, pero las letras me halaban más. Ahora bien, la clara conciencia del destino de escribir fue aproximadamente a los 14 años, en la adolescencia, decidí que lo único que podía hacer en la vida era escribir.

4- ¿Cuando publicó su primer libro? ¿Cómo se llama? Hable sobre lo que escribió.

Mirta: Mi primer libro lo publiqué después de ganar con él un concursi literario de la universidad a los veinte años. Salió unos años después. Se llama *LAS VISITAS*, y es un breve cuaderno de poemas. Es el libro que quiero más. Esos poemas los empecé a escribir cuando era estudiante de Letras de la asignatura Historia del Arte, teníamos que recorrer La Habana y ahí empecé a descubrir todos los amores que perdurarían en mi vida: la ciudad, sus gentes, el mar, los animales callejeros, el primero amor...

5- ¿Cómo funciona la inspiración para escribir?

Mirta: No se si a otros les funciona como a mi... yo tengo que estar trabajando para que se "cuele" la inspiración. Tengo que tener un buen estado de animo, silencio total, ningún agobio de otras tareas pendientes, y trabajando. Entonces entra a funcionar la inspiración.

6- ¿Cuáles son los temas (historias) de sus libros?

Mirta: Los temas son la vida comun y corriente, en mis cuentos. Y de hecho en la poesía, y en la novela también. En el ensayo tengo dos temas fundamentales: la literatura escrita por mujeres en Cuba y el romanticismo latinoamericano del siglo XIX. En la literatura para niños trato de partir de un hecho fantástico y que por el camino desarrolle alguna idea noble a compartir con los niños. En mi novela más reciente *SANGRA POR LA HERDA* trato de contar la confusión de mi generacion en el devenir de la historia, con hechos y asuntos de todos los días que bordean a veces la tragicomedia.

7- ¿Es difícil para una mujer cubana a ser escritor?

Mirta: Llegar a escribir no, puesto que es un acto de libre elección. Ahora bien, desarrollar su obra en medio de un contexto machista y excluyente, pues, sí, a algunas se nos hace difícil. Pero ya eso paulatinamente ha ido cambiando, aunque todavía los jurados, los directores de revistas, los consejos asesores, y otras acciones dentro del campo literario, independiente del éxito o los progresos de las

escritoras, siguen siendo terreno de los hombres.

8 - ¿Hay un tema tabú en Cuba? Ejemplo: sexo, política, etc ...

Mirta: Eso depende. De temas tabus se ha ido al otro extremo: a supuestamente una libertad sin mucha responsabilidad y exigencia estetica. Estoy pensando en "libros" que caen en la chabacanería o palabras malsonantes por el simple hecho de hacerlo. En cuanto a la politica las autoridades editoriales aspiran a que los libros publicados en Cuba, ya que hay tanta crisis económica y tan poco papel, respondan a la ideología general. De todas maneras, en todas partes del mundo se usa de esta misma criba selectiva. Por ejemplo, a los cubanos que vivimos dentro de Cuba se nos dificulta mucho al acceso a determinadas areas de venta en el exterior

9 - ¿Una mujer cubana lee mucho? ¿Qué tipo de literatura.

Mirta: Los cubanos y las cubanas leemos mucho. No sabría decirte que tipo de literatura leen los demás, pero si te cuento que en las Ferias del Libro son verdaderas fiestas a tal punto que yo les digo *LA FURIA* del libro. Gustan las novelas policiacas, las biografías, en general la narrativa que refleje los problemas vivos de nuestra sociedad. Tambien se vende y se agota rapido la literatura para niños. El libro que siempre hay que reeditar es *La edad de oro* de José Martí.

10- ¿Cuál es tu estilo? La poesía, romance, etc ...

Mirta: Mi estilo es directo, con el lenguaje del habla cubana, eso si, trato de mantener un rigor en el uso del lenguaje. Digamos que mi característica estilística es la ironía, la mezcla del drama con el humor. Y aparentando una sencillez que esconde honduras. Ya el lenguaje poetico ha ido quedando atrás y me quedó con la prosa más clara que pueda alcanzar.

Por Maria de Fátima Moreira Peres,
jornalista e mestranda em
Literaturas de Língua Portuguesa
pela PUC-Minas

Veja na página ao lado,
trecho da obra da
escritora cubana, em
Falsos documentos

Nadie llama de la selva

El perro había quedado atrás. Quizás no se llamaba Buck, aunque tampoco leía periódicos, así que no sospechó nada. La casa fue cerrada y el jardín se detuvo tras una cerca de dos metros de altura, cubierta a tramos por una enredadera. El perro estaba de pie en el portal, vigilante, con las orejas enhiestas y en actitud de espera. Desde la calle no se le podía distinguir mucho. Desde la ventanilla del ómnibus se veía no sólo al perro, sino el sello oficial que clausuraba la casa.

El perro era blanco, con algunos mechones oscuros en el pecho y en el lomo, de pelo corto y lustroso, bien cuidado. En los primeros días se afirmaba en las cuatro patas con seguridad y altivez. No olfateaba el viento ni se movía, simplemente esperaba. La casa era una de esas añosas de El Vedado, ya despintada y con aires de decadencia. Sin embargo, el jardín se notaba verdeado y daba muestras de haber sido podado en fechas recientes. El soplo de abandono que se iría posesionando de todos sus recovecos, todavía no había borrado la memoria de las manos que una vez lo atendieron.

Al cabo de unos días, el perro continuaba en igual posición, al lado de la puerta principal. Sin duda no quería moverse para ser el primero en notar el regreso de quienes él sabía que tenían derecho a entrar en la casa y reanudar la vida, la única vida que el perro había conocido. Se mantenía en su sitio, con la misma expresión orgullosa, confiada, aunque su bella estampa comenzaba a deteriorarse. Podría pensarse que estuviera ya impaciente, había dejado de gustarle el juego, como broma ya bastaba.

Una semana más tarde, el perro acusaba algún desconcierto. ¿Qué pasaba? ¿Qué podía haber hecho mal? ¿Por qué sus amos, sus dioses, no regresaban? Seguía de pie y mirando fijamente hacia el punto exacto por donde había visto a su familia por última vez, pero ya con cierta inquietud y fatiga, con toda certeza también hambre y sed. No le importaba mucho, en realidad, la falta de alimento. Ni tan siquiera no poder entrar a su cubil predilecto, hacerse un ovillo, suspirar y dormirse con el corazón en calma. Toda su pequeña cabeza estaba concentrada en entender a qué se debía aquel castigo que no creía merecer.

El perro no había oído hablar de Buck, así que no se sentía un héroe. No

había visto nunca nieves, ni trineos, ni ventisqueros, ni aquellas eran las heladas comarcas del Klondike. Nadie le había pegado nunca con un palo. Cuando paseaba por el barrio lo llevaban con unas cómodas correas que más bien lo hacían sentirse protegido y ni siquiera tenía idea de que otros perros como él podían matarse a mordidas. Esta era la casa donde había vivido siempre desde que lo trajeron como cachorro. Detrás de la puerta sellada quedaron sus escondrijos, su pozuelo de agua y el cacharro de comer. Aunque todo eso era lo de menos. ¿Por qué lo habían abandonado?

Quince días después permanecía aún de pie, con resignación, como víctima



Mirta Gloria Yáñez Quiñoá

de un error incomprensible. Pero el agotamiento terminó por acorralarlo y se vio obligado, a pesar suyo, a reclinarse contra la puerta. Se le cerraron los ojos y soñó. Soñaba que la familia regresaba, la casa se llenaba de voces y ruidos conocidos, las ventanas se abrían al sol de la mañana y se despertó gozoso, dando un ladrido que se transformó en silencio y en jalones de ira. Se sintió engañado, furioso, de nuevo estaba allí la pesadilla de la casa cerrada, del jardín que se secaba como su propio cuerpo. Ya no se preguntaba qué había hecho mal, sólo quería que el castigo terminara.

Pasado un tiempo, tenía un aspecto miserable, aunque se mantenía todavía mirando hacia al mismo lugar. Las orejas alertas eran el único residuo que quedaba de su prestancia de los primeros días. Tenía el cuerpo enjuto y consumido, el pelo viscoso y la mirada vidriosa. La espera estaba llegando a su fin y algo parecido a la piedad, al perdón, entraba

en su leal corazón de perro. Ellos, sus dioses, sabrían por qué lo habían hecho.

Hortensia, la mamá de Julia, vivía en el último piso del edificio vecino a la casa del perro. La escalera no tenía bombillos y Hortensia había ido perdiendo la vista, así que no salía nunca y sólo se sentaba en el balcón a escuchar los sonidos de la calle. Hortensia, como Buck, tampoco leía periódicos. Le hubiera gustado escuchar el radio, sus novelones, como decía Julia, pero estaba roto hacía mil años. Antes de que se muriera, Manchita era su compañía. Hortensia le daba los buenos días, la regañaba y, a veces, le conversaba sus problemas. Con Manchita la existencia transcurría más entretenida. Hortensia la extrañaba tanto, qué se le iba a hacer, si ya no podía ni con ella misma, dime tú, cómo cuidar de otro perrito. La vecina que la ayudaba de vez en cuando nunca hablaba mucho, tenía sus propias tribulaciones, y gracias que venía a airear la casa y a traerle los mandados de la bodega. A Hortensia le daba hasta vergüenza molestarla y pedirle que, por favor, le leyera las cartas de la hija que, de tanto en tanto, llegaban de la Argentina. Cuando Julia le mandaba uno de aquellos paquetitos con jabones y la medicina para el corazón, Hortensia le regalaba los jabones a la vecina.

Le hubiera gustado también escuchar la voz de Julia, pero, ave maría santísima, mira que las llamadas de ese lugar tan lejano eran caras. Y pasaban los años, y seguían pasando los años, en espera de que vinieran tiempos mejores. Bendito sea el cielo que la medicina y los jabones nunca le faltaban. Y, por suerte, estaba casi ciega, así que no podía distinguir al perro.

Un mes más tarde el perro ya no estaba. No lo habían vencido las nevadas, ni los lobos, ni el hambre, sino aquella tristeza que le impedía hacer otra cosa que seguir cuidando la casa y esperar, solitario, el regreso.

Por Mirta Gloria Yáñez Quiñoá,
escritora cubana

Publicado em
Falsos documentos,
La Habana:
editorial UNION, 2007,
pags 45 a 47

Feita para resistir: *Habitar teu nome*, de Marize Castro

Talvez alguém que observe a capa deste livro e que seja afeito aos discursos presentes no senso comum, num ato impulsivo, apresse-se a apor a etiqueta que, de modo confortável, situará de imediato a obra nas categorias consagradas pela ordem conservadora: eis um livro de "poesia feminina". Aos olhos desse fictício (e ingênuo) leitor -- que será capaz, diga-se de passagem, de proceder à categorização sem sequer folhear o volume --, tudo autoriza o gesto automático: não apenas a capa em tons suaves, como também o nome presente no canto superior direito e a belíssima concha ali estampada. Como não associar as úmidas curvas às formas da vulva, vínculo reiteradamente reforçado pela tradição - de Botticelli a Bouguereau - (seria possível, porventura, ir além -- e ver, nesta concha que ilustra a capa do livro de Marize Castro, a insinuação de um seio). Por fim, o título: *Habitar teu nome* -- talvez o fictício leitor aí divise a disposição à entrega, o ato da mulher que renuncia à sua própria identidade (ou seja, ao seu próprio nome) para habitar o espaço alheio, cumprindo o apanágio que a ordem patriarcal prescreveu ao longo dos tempos.

Contudo, se acaso o leitor ingênuo for capaz de avançar para além da impressão superficial, logo verá frustradas suas expectativas. Cada signo presente na capa do volume indicia precisamente aquilo que Marize Castro em si reconhece para superar -- movimento dialético inerente a uma poesia que, como afirmei no texto transcrito na orelha do volume, "canta um feminino livre e libertário". Escrita feminina, sim, na medida em que registra a experiência das mulheres; mas escrita livre, porque desvinculada (e, em muitos momentos, franca questionadora) dos limitados topoi prescritos às autoras no âmbito de um cânone androcêntrico; escrita libertária, porque empenhada na construção de uma voz que proclama, a cada verso, sua autonomia.

Pode-se ilustrar o que foi comentado através de uma leitura de um dos poemas do livro, intitulado "Presa" -- título que, aos desavisados, poderia remeter a alguma condição natural feminina, de suposta sujeição; mas, como veremos, o próprio poema desautoriza uma interpretação nesse sentido. "[P]resa em

vasta cratera/arre-messa-se ao fim", dizem os versos iniciais; sem mais elementos para deciframos a imagem, retemos o sentido -- aquela que, confinada a um espaço intransponível, no qual encontrará sua própria aniquilação (dicionarizado, o vocábulo 'cratera' remete à calamidade), lança-se ao encontro da destruição.

Mas eis que esse gesto, aparentemente suicida, representa de fato um ato de revolta: "foi feita para resistir//sua missão é ser não/e sim", dizem os versos seguintes. E podemos, então, ensaiar uma leitura possível: talvez trate o poema da situação da mulher que, confinada pelo patriarcado, ousa voltar-se contra a identidade que lhe é designada; destruição, portanto, que erige ao mesmo tempo as condições para que crie o seu próprio destino. Nos versos finais, uma indagação: "tamanho porção de sol em seu sexo/saciará sua sagrada sede?" O sol, esplendor e vivificação, é aninhado no sexo, como aquilo que pode - mas não necessariamente o fará -- saciar a avidez de um corpo que, uma vez livre, eclode em puro desejo. Na ordem patriarcal, isto é a afirmação do corpo feminino: sempre um ato de resistência.

Por Henrique Marques Samyn, escritor, feminista e professor de Literatura Portuguesa na UERJ



Viajeras entre dos mundos

SARA BEATRIZ GUARDIA (org.). Apresentação de Losandro Antonio Tedeschi. Dourados: Ed. UFGD, 2012. ISBN 978-85-8147-020-7

Desde os inícios da escrita e mesmo antes, quando a transmissão oral registrava ritos e crenças fundamentais, as viagens foram território masculino, enquanto as mulheres se mantiveram confinadas ao lar e à vida sedentária. Apesar disso, algumas se aventuraram além das fronteiras permitidas e tiveram a ousadia de enfrentar e superar desafios e perigos, assumindo com paixão suas próprias convicções. O impulso decisivo das vanguardas historiográficas e feministas da segunda metade do século 20 resgatou para a memória histórica e coletiva a existência de muitas dessas mulheres que agora foram analisadas nesta obra.

Casamento e sexualidade: a construção das diferenças

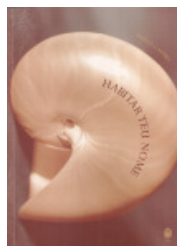
HELEN ULHÔA PIMENTEL Santa Catarina: Editora Mulheres, 2012. ISBN 978-85-8047-015-4

Estimulada pelo encontro com documentos oriundos do século 18 que compunham o acervo do Arquivo Público de Paracatu, e que até então se encontravam inexplorados, Helen Ulhôa Pimentel deu início às suas pesquisas sobre o casamento e a sexualidade no Brasil colonial. A essa rica documentação, juntaram-se outras que, dialogicamente, permitiram a apreensão de algumas das práticas que orientaram o cotidiano de muitos dos habitantes daquela distante Minas Gerais, com ênfase, sobretudo, nas relações informadas pelas convenções de gênero. Os resultados dessa aventura configuram-se em uma narrativa cativante que transforma o leitor para os dilemas, impasses e estratégias de sobrevivência que as pressões institucionais impunham a homens e mulheres daquele distante século 18.

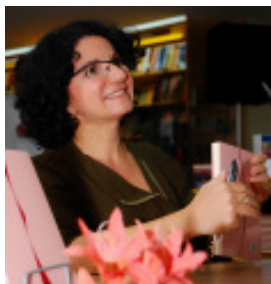
Nova História das Mulheres no Brasil

CARLA BASSANEZI PINSKY e JOANA MAIA PEDRO (org.). São Paulo: Editora Contexto, 2012. ISBN 978-85-7244-730-0

Uma História das Mulheres nos séculos 20 e 21? Sim. Já era hora. O 20 é chamado de "o século das mulheres" em razão das transformações aceleradas que propiciou à experiência feminina. Foi uma época de ampliação de direitos e oportunidades e de mudanças, tanto na qualidade de vida das mulheres, quanto no imaginário coletivo. Nosso século, embora ainda no início, já anuncia importantes novidades. No Brasil, o protagonismo feminino parece já não assustar tanto. Porém, se algumas conquistas conseguiram se firmar, outras estão ameaçadas de retrocesso e precisam de atenção. "O que aconteceu com as mulheres, como chegamos até aqui e quais serão os próximos capítulos dessa saga?" é o que as autoras -- pesquisadoras das áreas de História, Ciências Sociais, Educação e Direito -- procuram responder neste livro.



Capa do livro



Marize Castro